

**“DOCÊNCIA COMO SONHO E COMO DOM”: UMA ANÁLISE DAS
REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DA FEMINILIZAÇÃO DA PROFISSÃO
DOCENTE EM RELATOS DE MULHERES REITORAS**

*Eixo Temático 16 – Gênero e profissionalização docente: desafios do
tempo presente*

Pauline Freire Pimenta ¹

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar de que forma as representações discursivas aparecem em relatos de mulheres reitoras do estado de Minas Gerais na ocasião em que elas foram entrevistadas para a elaboração de uma tese de doutorado produzida pela autora. Para tal, foram elencadas categorias teóricas da Análise de Discurso Crítica de Fairclough(1999 e 2003) e Halliday(2004), bem como reflexões sobre o magistério e a feminização do trabalho docente. Com as análises de trechos, percebeu-se como as representações discursivas reforçam a formação identitária das entrevistadas, que ainda carregam em seus discursos muito do discurso patriarcal, muito mais ligado à emoção do que à razão.

Palavras-chave: Representação discursiva patriarcal; Análise de Discurso Crítica, Feminização do Magistério.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho será analisado o relato de mulheres em cargos de alto escalão em universidades federais mineiras; tendo como objetivo refletir sobre a representação

¹ Doutora em Estudos Linguísticos, pesquisadora em Análise do Discurso e Estudos de Gênero da Universidade Federal de Lavras- UFLA, paulinefreire@gmail.com

discursiva da feminização do magistério, o afeto e o dom da docência como norteadores em relatos de mulheres gestoras de universidades, sobretudo das mulheres que chegaram ao cargo máximo da administração superior das IFES: o de reitora ou de vice-reitora.

Como embasamento teórico-metodológico, foram utilizados os estudos discursivo-críticos de Norman Fairclough e Lilie Chouliaraki(2003); Norman Fairclough (1999), as categorias propostas pela Linguística sistêmico-funcional, nos estudos de Halliday e Matthiessen (2004) em caráter transdisciplinar com as categorias sociais do Feminismo (ser mulher).

Uma das razões importantes para a realização deste trabalho seria a necessidade de investigar como as relações de poder estão sendo negociadas, produzidas e/ou reproduzidas.

Como metodologia para a realização deste trabalho, foram gravadas em áudio entrevistas com reitoras ou vice-reitoras de universidades federais mineiras de modo a compor a tese de doutorado base deste estudo. Após a transcrição das entrevistas foi realizada a análise por meio de programas de análise textual com base nas teorias acima elencadas. O projeto da tese² então desenvolvida foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da UFMG.

Como resultados, percebeu-se uma reprodução de discursos patriarcais, ainda arraigados na sociedade, sendo reproduzidos pelas entrevistadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente refletiremos sobre a mulher e sua entrada no magistério e em seguida trataremos os tipos de processos como categoria analítica deste trabalho.

Somente no século XIX foram criadas as primeiras escolas de formação de docentes voltadas a ambos os sexos, ocorrendo a “feminização do magistério” (LOURO, 2004) e as mulheres começaram a ter acesso às faculdades. Com o advento da profissionalização pelas mulheres, as primeiras profissões exercidas por elas foram aquelas relacionadas ao cuidado materno, tidas como ideais à condição feminina, como

² Este trabalho é um recorte da tese de doutorado intitulada “Lugar de mulher é na reitoria”: Análise discursivo-crítica das formações identitárias e das relações de poder de mulheres do alto escalão nas Ifes mineiras, defendida pela autora na UFMG, no ano de 2019.

secretária, enfermeira, costureira, professora, dentre outras. Louro(2004) discorre sobre esse fato: “(...) ao se feminizarem, algumas ocupações, a enfermagem e o magistério, por exemplo, tomaram emprestado as características femininas de cuidado, sensibilidade, amor, vigilância etc. (...)” (LOURO, 2004, p. 454). Ainda era forte, portanto, a ideia de que ela tinha nascido para determinada profissão e que tinha por “vocação” uma ou outra profissão, sempre as ditas mais “femininas”.

Apesar de o acesso das mulheres ao mercado de trabalho demonstrar um certo avanço pelo fato de as mulheres saírem de casa para trabalhar, há uma liberdade relativa, já que lhes era destinado, naquele momento, um tipo específico de atividade laboral. Reforça Louro (2004), em consonância com Bourdieu (2002), que “(...) as mulheres tinham, ‘por natureza’, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e ‘naturais educadoras’, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos” (LOURO, 2004, p. 450). Ainda, pelo fato de seu destino natural ser a maternidade, o magistério seria então uma “a extensão da maternidade’, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha ‘espiritual’”, ampliando a função primordial feminina (LOURO, 2004, p. 450). Para a sociedade daquela época, portanto, a profissão docente era uma extensão do dom da maternidade.

O Sistema de Transitividade permite identificar e descrever de que maneira os atores sociais, eventos e ações são representados por meio de processos, participantes e circunstâncias (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Os tipos de processos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) são: materiais, relacionais, mentais, verbais, comportamentais e existenciais. Fuzer e Cabral (2014) os definem de forma sintética:

- a) a representação da experiência externa (ações e eventos) é realizada por processos materiais, como fazer, construir, acontecer;
 - b) a representação da experiência interna (lembranças, reações, reflexões, estados de espírito) é realizada por processos mentais, como lembrar, pensar, imaginar, gostar, querer;
 - c) a representação de relações (identificação e caracterização) é realizada por processos relacionais, como ser, estar, parecer, ter.
- Nas fronteiras desses três principais, situam-se outros três processos: comportamentais, verbais e existenciais. Assim:
- d) a representação de comportamentos (manifestações de atividades psicológicas ou fisiológicas do ser humano) é realizada por processos comportamentais, situados entre os materiais e os mentais, como dormir, bocejar, tossir, dançar;
 - e) a representação de dizeres (atividades linguísticas dos participantes) é realizada por processos verbais, situados na fronteira entre os mentais e os relacionais, como dizer, responder, afirmar;

f) a representação da existência de um participante (o ‘estar no mundo’ é realizada por processos existenciais, situados entre os relacionais e os materiais, como existir, haver (FUZER; CABRAL, 2014, p. 43).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao avaliar trechos das entrevistas das mulheres reitoras, percebemos algumas representações discursivas totalmente contrárias à razão imputada à carreira científica, o que reforça as concepções de mulher relacionada à emoção. Essa ligação com a emoção reforça ainda o estereótipo da mulher ligada às características femininas, dentre elas a emoção e o feminino, e até mesmo a docência como dom. Isso porque as formações discursivas remetem ao sonho, por exemplo, ou mesmo ao discurso religioso, com a docência como dom. Vejamos de que maneira o sonho e o desejo são relacionados à docência nos trechos abaixo:

Exemplo 1: eu sempre falava assim, que eu **queria ser professora da XX (sigla da universidade)³**, eu já sai daqui em 79 falando, gente, eu falei meu Deus, **eu quero ser professora da XX (nome da universidade)**.

Exemplo 2: e aí **meu sonho era ser professora**, mas não professora primária que era o sonho dela, **eu queria ser professora da universidade**, nossa, quando eu entrei aqui e que eu vi a possibilidade, tudo que você podia, que a gente podia alcançar com isso aqui, eu falei, **um dia eu quero ser professora aqui**.

Processos⁴ que remetem a desejos ou vontades dizem muito sobre a formação identitária das entrevistadas, aqui em relatos de uma vice-reitora e uma reitora. Nos exemplos 1 e 2 acima, temos um exemplo de uma construção textual que nos remete a reflexões e permite-nos inclusive propor uma nova categoria. As formações lexicais “queria ser” e “quero ser” apresentam-se como uma junção de dois tipos de processos: o processo “querer” é mental e o “ser” é relacional. Essa composição leva-nos a um processo “Desiderativo-Identificador”, ou seja, o primeiro é da ordem do desejo, de querer, de ter vontade de algo; já o segundo tipo seria uma forma de identificar o portador, ou de defini-lo e identificar sua identidade.

³ Acréscimo de parênteses nosso. Escolhemos por expor dessa forma, a fim de não prejudicar o entendimento do leitor, já que foi suprimido o nome da universidade.

⁴ Os processos aos quais nos referimos aqui dizem respeito aos verbos.

A relação entre “sonho” e “querer ser” nos remete claramente ao campo da emoção. Sonho, segundo definição do site Dicio⁵, seria “reunião das imagens, ideias, pensamentos ou fantasias que, geralmente confusas e sem nexos, se apresentam à mente no decorrer do sono. [Por Extensão] Anseio; vontade permanente, viva e constante: o sonho dele é ser cantor.”. No caso em questão, consideraríamos a segunda definição, que seria “anseio, vontade permanente”. Quando afirma que o sonho dela era ser professora, esse desejo não está no âmbito da razão, mas da emoção, do desejo, da vontade, assim como a formação lexical “querer ser”, que perpassa o léxico do desejo, da emoção. Sonho, aqui, remete-se às já mencionadas características femininas, ou mesmo do dispositivo amoroso (Swain, 2014), que ligam a mulher ao afeto e a outros atributos simplesmente por serem mulheres.

As ocorrências dos processos mentais desiderativos reforçam a identidade da mulher professora, já que elas mostram-se desejosas de realizar esse sonho e colocam-se como protagonistas, em alguns momentos, e dispostas a realizá-lo. Sabe-se que não é algo simples chegar ao cargo de professor efetivo de uma instituição de ensino federal. As ocorrências dos processos mentais cujo experienciador sempre é a reitora demonstra o quanto seu desejo é forte e faz parte da construção de sua identidade, seja antes de almejar seu sonho, seja durante a batalha para conseguir realizá-lo. Vejamos mais 2 exemplos abaixo:

Exemplo 3: foi, foi, **foi o meu despertar do ensinar lá atrás**, viu? Que lá assim eu **percebi** que eu tinha **esse dom**, né, de ensinar e ver o resultado do aprendizado

Exemplo 4: eu subo uma escada, desce o professor que eu trabalhei com ele como monitora e ele tinha acabado de conseguir uma vaga, falei, gente, olha, **é Deus**, não tem outra forma, né, não marquei horário com ele nem ele comigo, justamente no dia que eu vim buscar meus documentos, **eu cruzei com ele e as coisas**, dali eu subi pra assinar meu contrato, né, **então eu acho que foi tudo muito providencial, tudo muito assim já planejado**, né, por Deus, e eu assim, sempre com aquele anseio de trabalhar mesmo com a docência, (...)

É importante destacar ainda que o uso desses léxicos surpreende-nos uma vez que acreditávamos que as identidades da mulher pesquisadora e professora passariam antes pelo discurso profissional, ainda que tenha uma significativa presença de

⁵ Disponível < <https://www.dicio.com.br/sonho/> > Acesso em 6 abril 2018.

elementos de construções discursivas de caráter pessoal e emotivo nos relatos das entrevistadas.

O conservadorismo e o reducionismo estão presentes neste discurso e mostram como as mulheres constroem suas identidades relacionando-as a crenças e afastando-se do discurso racional. A ambivalência discursiva entre razão/pesquisa/objetividade e emoção/docência/subjetividade fica enfatizada no uso dos construtos semânticos: “dom divino” e da “vontade divina”, indo, mais uma vez, ao encontro da tese do patriarcado da dicotomia homem/mulher e razão/emoção.

A formação dessa identidade docente caminha próximo ao feminino, o que reforça os discursos patriarcais pelas próprias entrevistadas, em detrimento de um discurso que favorece a capacidade da mulher, seja ela técnica, seja outra qualquer. Substituiu-o por dom e sonho, léxicos relacionados ao emocional e não à razão, reforçando a ligação do feminino com a emoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as representações discursivas patriarcais, notamos que discursos recorrentes como esfera privada *versus* pública; dicotomia feminino *versus* masculino e a dupla jornada feminina, estão presentes nas falas das participantes. Ao destinarem à mulher atribuições ligadas ao lar, o discurso é fortemente representado como patriarcal, já que mesmo elas exercendo uma profissão, primeiro como professoras e depois como gestoras, suas identidades ainda são reforçadas como mulher, esposa e mãe, relegada à esfera privada e ao feminino. Na representação da identidade docente, está presente também o feminino, uma vez que essa profissão demanda, segundo o discurso tradicional, características femininas e remetentes ao dom.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London; New York: Routledge, 2003.



FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa.** Campinas: Mercado de Letras, 2014. 228p.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold, 2004.

LOURO, G. L. **Mulheres na sala de aula.** In História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.